

MOVIMENTO
DE
EDUCAÇÃO
DE
BASE

ASPECTOS IMPORTANTES PARA FUNCIONAMENTO
DE UM
SISTEMA RADIOEDUCATIVO

ASPECTOS IMPORTANTES PARA FUNCIONAMENTO DE UM
SISTEMA RADIOEDUCATIVO

EMISSÃO

Em relação às emissões de um sistema radioeducativo, há certos cuidados, quanto à sua forma e ao seu conteúdo, que se devem observar, principalmente tendo em vista o público ao qual nos dirigimos.

Pretende-se, através dessas emissões, estabelecer com os ouvintes, uma comunicação de tal maneira real, que permita aos ouvintes assimilar, com um mínimo de dificuldades, quase todas as informações que levamos ao ar. E só se pode conseguir isso considerando, na produção e na montagem das emissões, êsses dois aspectos: as características reais do homem ao qual nos dirigimos e as técnicas de apresentação, que devem ser usadas para tornar a emissão, ao mesmo tempo, eficaz e agradável.

Vejamos então algumas das regras indicadas na produção das emissões de educação de base, no que se refere à sua forma e conteúdo.

1. FORMA

Os cuidados, nesse aspecto, devem ser o de apresentar o assunto escolhido da maneira mais atraente possível. Segundo as experiências já realizadas e os resultados obtidos, podemos indicar como fatores importantes:

- a) A dialogação - Na emissão de programas de educação de base deve-se empregar, de preferência, a forma dialogada, porque sendo dinâmica, não se reveste de um ar ditatorial, tornando-se assim, atracente e dando margem à imaginação do aluno. Não motivaria o nosso adulto uma aula descritiva, explanativa, pouco prática e sem dinamismo. Isso seria antes de tudo um monólogo de pouco rendimento, prin -

principalmente do ponto de vista do processo educativo que pretendemos desenvolver.

- b) Dinâmica de Grupo - Na emissão de programas é possível ainda a utilização de técnicas de dinâmica de grupo que possibilitem a participação ativa da classe. Partindo do princípio de que a aprendizagem só se torna efetiva quando se vive a prática, e que a rentabilidade é bem maior quando o aluno está dentro de um grupo, a professora locutora deverá (sempre que fôr possível) lançar mão das técnicas de dinâmica de grupo. Assim, por exemplo, um programa que pretenda levar aos alunos a descoberta do valor da cooperação, poderá utilizar uma dramatização, movimentando assim todo o grupo. Orientado pela professora, o monitor poderá organizar o grupo durante a aula.
- c) A linguagem - É necessária que ela seja correta. Não podemos usar, para instruir e educar, a linguagem corrente do nosso homem do campo, que é, em grande parte, errada. Ao mesmo tempo, a sua terminologia regional, quando correta, pode ser, perfeitamente usada, tornando mais simpática a emissão. Assim como toda uma série de construções de frases e de expressões típicas do povo rural, devem ser aproveitadas na elaboração dos diálogos.
- Além disso, deve haver a preocupação de introduzir termos novos no vocabulário do aluno, para que aconselhamos uma interpretação do seu significado, ou, quando possível, a citação de um sinônimo já do conhecimento deles. Portanto, de todos os modos, deve-se ter sempre em vista o uso de uma linguagem clara, simples e que esteja inteiramente ao alcance do aluno.
- d) O ambiente - Focalizar sempre situações, acontecimentos, problemas, recursos, etc. que sejam os do próprio ambiente em que vivem os nossos alu-

nos. Que êles sintam que tratamos de uma realidade sua.

Aqui se levanta a dúvida de nem sempre a área coberta por um sistema rádioeducativo é homogênea. Então, os grandes sistemas que abrangem áreas heterogêneas correm o perigo de apresentar um "deficit" no rendimento educativo. Por outro lado, os sistemas que contam com área de irradiação de níveis e condições semelhantes, têm possibilidades de um maior rendimento.

Daí ser aconselhável dentro de um mesmo Estado, adotar sistemas rádioeducativos diversos, adaptados a cada área.

2. CONTEÚDO

Do ponto de vista do conteúdo das emissões, o que se pretende é dar, ao nosso educando, elementos que possam ser integrados na vida. Para que o conteúdo de cada emissão corresponda, realmente, ao que nos propomos, temos de ver:

a) A sua exatidão - O conhecimento ou a informação emitida tem que ser precisa e verdadeira. Há uma responsabilidade enorme da parte de quem faz uma afirmação em torno de alguma coisa, e essa responsabilidade, é aumentada quando se faz essa afirmação a centenas de pessoas e com intenções educativas.

Daí tornar-se indispensável a análise da informação a ser emitida, com a intenção de verificar se o seu conteúdo é ou não válido do ponto de vista científico.

b) A sua objetividade - Aconselha-se nesse aspecto, ao produtor de emissões, que focalize um assunto que tenha real significação para o público. Lembramos também o cuidado para não divagar, introduzindo na emissão outros assuntos e não deixando perceber a importância central.

Admite-se a utilização de um assunto central, quando êle não pode ser tratado isoladamente, auxiliado por outros correlatos, mas que fiquem em segundo plano.

c) A sua pouca densidade - Queremos dizer com isso que o assunto deve ser de fácil assimilação, sem entrar em detalhes de pouca importância ou se aprofundar de maneira teórica, levando o aluno a "perder o fio da meada", Não se pode exigir do aluno um esforço maior do que o que lhe é pedido normalmente.

d) A sua praticabilidade - Uma das nossas intenções quando focalizamos determinados problemas das vidas ou das comunidades dos nossos alunos é sugerir soluções para êsses problemas. Ora, não temos o direito de sugerir soluções que estejam fora das possibilidades de execução prática pelos alunos, sob pena de criar mais uma insatisfação, mais uma inquietação, e portanto, mais um problema para a vida deles.

Podem-se distinguir aqui, tipos de problemas: aquêles cuja solução depende da iniciativa privada; e aquêles que são, principalmente, da responsabilidade do poder público. Em ambos os casos, deve-se situar a posição do aluno.

RECEPÇÃO

É a recepção a segunda etapa pela qual passa uma informação no seu percurso, Quando falamos em termos de escola radiofônica, afirmamos que a recepção é organizada.

Recepção organizada supõe um grupo constante de ouvintes e um orientador de grupo, também constante, os quais, no nosso caso, são representados, respectivamente, pelo grupo, de alunos e pelo monitor.

As condições para uma melhor recepção são representadas por êsses dois elementos: monitor e aluno. Do monitor de

pendem: a melhor audição que o rádio pode dar, o ambiente propício (sala de aula), disposição dos alunos em relação ao rádio, etc.), a fixação do assunto de que trata a emissão, o debate, a elaboração de conclusões, e finalmente ; a tomada de decisões.

Do aluno, objetivo de todo nosso esforço educativo, depende o interesse, que se traduz numa disposição interior para receber a informação.

Esse interesse depende, por sua vez, de todo um conjunto de circunstâncias, inclusive do grau de motivação , em relação ao aluno, de que se reveste a emissão.

DECISÃO

Se, através das nossas emissões, motivarmos suficientemente, os nossos alunos e lhes dermos elementos para basear suas novas atitudes, eles estarão aptos a atuar na sua família e no seu meio, como fatores de desenvolvimento. Fornecer elementos para que o grupo chegue a uma ação comunitária, é o nosso objetivo final. Resta-nos saber como poderemos partir para esse tipo de ação.

Ora, em escola radiofônica contamos com um grupo de homogeneidade indiscutível, visto ser ele constituído de pessoas que vivem nas mesmas circunstâncias, estão reunidas em torno de interesses comuns, e contam com um orientador suficientemente despertado para as suas responsabilidades e para seu papel na vida daquele grupo.

Cabe à equipe de execução atuar junto ao grupo, nos dois sentidos: Junto ao aluno, através das emissões, estudando com ele os seus problemas, ajudando-o a descobrir os seus recursos e sugerindo solução para um problema imediato.

Uma vez constituído um grupo para uma determinada atividade, ele não cessará de atuar, principalmente se essa primeira atividade redundar num bem estar. Acreditando no êxito de sua iniciativa, pouco a pouco o grupo adquirirá confiança na própria capacidade de realização e uma sen-

sibilidade maior em relação aos problemas existentes, cuja solução pode estar ao seu alcance. Daí caminhará para uma tomada de consciência da necessidade de participação no processo do próprio desenvolvimento e do desenvolvimento de sua comunidade. Esta é uma revolução no plano educativo que se dará, naturalmente, com a lentidão que é peculiar a todo trabalho de formação ou mudança de mentalidade.

SUPERVISÃO EM ESCOLA RADIOFÔNICA

CONCEITO

Em trabalhos sociais, a supervisão longe está de se conceituar como fiscalização, prestação de contas de serviço, ou o equivalente a isso, mas sim como um entendimento e um contato com a pessoa e com o serviço com o fim de fazer o estudo das situações, o planejamento e a avaliação dos programas, para se concluir com uma orientação baseada na realidade exposta ou observada.

Conseqüentemente, a supervisão no Ensino Radiofônico só pode funcionar dentro do conceito acima formulado se a Educação de Base fôr vista como um trabalho social. Ora, entende-se como trabalho social toda ação que concorre para a promoção do homem (visto de maneira integral) e do seu meio. E educação de base é um trabalho social na medida em que dá ao homem elementos que lhe permitam partir para um melhor padrão de vida para sí, sua família e sua comunidade.

PRÁTICA

Uma supervisão em escolas radiofônicas tem que ser feita através de visitas aos locais onde estas funcionam, se possível, no horário das aulas, para a observação mais completa do funcionamento da escola, o contato com os alunos.

A supervisão dar-se-á tendo em vista as seguintes operações: observação, informação, avaliação e orientação, todas e

las intimamente relacionadas.

1) com respeito à observação podemos discriminar os seus objetivos da seguinte maneira:

- observação das condições materiais da escola;
- observação do grupo de alunos face às emissões, suas reações, seus interesses;
- observação do comportamento do monitor em relação ao desempenho de sua função;
- observação do relacionamento do grupo de alunos com o monitor, tendo em vista a capacidade de liderança do último;
- observação do monitor durante a supervisão, tentando avaliar o seu comprometimento afetivo em relação às tarefas que êle assume, em decorrência do funcionamento da E.R.

2) As informações obtidas através do monitor, do grupo de alunos ou da comunidade, têm em vista;

- a comprovação das observações
- a verificação do aproveitamento das emissões;
- o conhecimento da área;
- a descoberta de problemas e possibilidades de solução;
- a caracterização dos interesses profundos dos alunos para efeito de motivação;
- a coleta de dados para basear as emissões.

3) A avaliação nesse caso não é de largo alcance, mas é orientada no sentido de uma verificação do andamento do processo educativo e, mais em particular, da repercussão dos programas de educação de base na vida dos alunos e da comunidade.

Quanto à avaliação do rendimento escolar dos cursos de alfabetização e aritmética, somente poderá ser realizada pela professora diretamente responsável pelos mesmos, através de testes especiais.

Cabe à supervisora de E.R. nesse aspecto:

- verificar se os programas estão respondendo aos interesses e às necessidades locais;

- verificar se as atividades anteriormente planejadas com o monitor estão sendo postas em execução (em caso positivo ver como estão sendo executadas e em caso negativo saber as causas);
- avaliar o grau de aceitação da escola na comunidade;
- avaliar as disposições dos grupos ou da comunidade para participarem de programas mais vastos;
- enfim, sondar, de todas as maneiras, a influência da escola e selecionar os aspectos positivos e negativos dessa influência, para uma orientação cada vez melhor dos seus programas.

ORIENTAÇÃO

Baseada na realidade observada, nas informações obtidas e na avaliação efetuada a curto prazo, é que se pode concluir sobre as medidas a tomar, e na orientação cabe à supervisora, que pesará bem as possibilidades de execução prática e suas consequências. Tudo deve ser seriamente analisado do ponto-de-vista educativo.

A supervisão deve se processar num clima de relações significativas, estabelecidas entre o supervisor e o monitor, e de tal maneira informais, que o monitor não veja no supervisor uma autoridade, mas uma pessoa que atua no mesmo campo de trabalho que ele, visando os mesmos fins.

" A MOTIVAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO "

Este é um resumo do capítulo do livro: "Planificação e organização dos programas de alfabetização dos adultos na África", de Peter du Santoy.

1) A MOTIVAÇÃO É UM FATOR-chave na alfabetização dos adultos.

Normalmente, a educação dos adultos - e principalmente, sua alfabetização - está revestida de um caráter facultativo, baseando-se na motivação pessoal do educando, um papel determinante para o êxito de toda campanha de alfabetização dos adultos. Por mais eficazes e bem organizados que sejam os programas, para obter-se resultado satisfatório, é preciso ainda que os alunos mantenham o esforço exigido para chegarem a aprender a ler e a escrever. Se as razões que os levaram à alfabetização não forem suficientemente fortes, o fracasso dessas campanhas será provável. Estas motivações devem estar profundamente enraizadas e elas são frequentemente muito concretas e muito pessoais.

2) A motivação pessoal se reveste de uma importância bastante grande. Só existe interesse na alfabetização quando esta estiver ligada à medidas visando a melhoria de vida social e econômica do adulto analfabeto.

Existem outros problemas no início da alfabetização. Os interessados podem estar motivados porém a desistência ser proveniente do medo de um fracasso, do medo ao ridículo ou sofrer inúmeras inibições próprias à sua idade. Os adultos são, frequentemente, hostis a tudo o que poderia lhes dar o sentimento de serem tratados como crianças.

3) Algumas razões práticas que motivaram a alfabetização.

Na África, no levantamento feito pelas campanhas de alfabetização, demonstraram que muitos adultos desejavam aprender a

ler e a escrever para manter "o contato com seus filhos que frequentam a escola". Outro fato aparente é que a alfabetização rural atrai mais as mulheres que os homens. Poderia se supor que os homens teriam mais razões que as mulheres, do ponto de vista prático, para aprender a ler e a escrever. Mas as mulheres manifestaram a vontade de alcançar e superar os homens e elas têm também maiores possibilidades de frequentar aulas. A necessidade de saber escrever e ler para continuar em contato com a família distante é um outro motivo bem conhecido.

Como "motivos" a favor da alfabetização apareceram ainda o desejo de prestígio social, de promoção econômica, a possibilidade para melhor defender seus direitos, as aspirações para exercer mais autoridade nas comunidades locais etc.

Em Porto Rico, os três fatores principais que contribuíram como estímulo para a alfabetização dos adultos, segundo uma pesquisa realizada foram: a urbanização, a industrialização e a emigração para os E.U.A.

Nos territórios africanos, as razões indicadas como motivando o desejo de alfabetização são de ordem bastante prática: "poder ler e escrever sua própria correspondência", "poder ler os jornais e campanhas políticas", sabendo assim como orientar-se, "conhecer a legislação sobre o trabalho, etc."

Os principais estudos sobre a motivação dos adultos para alfabetização, têm uma premissa básica, com a qual todos concordam: "o desejo de cultura não é o motivo principal". São razões concretas ligadas à vida do homem analfabeto, e não o "vago" desejo de cultura que não significa a motivação principal. É função de todo movimento de organização estabelecer inicialmente quais são êsses motivos para determinar seu objetivo educacional.

As pesquisas da UNESCO determinaram os seguintes fatores, apresentados como mais frequentes:

1. maiores possibilidades para participação nos acontecimentos públicos locais e maior cooperação social (isto significa o desejo de diminuir a marginalização social)

em que determinadas classes se encontram);

2. a emulação entre os indivíduos e as localidades;
3. melhores perspectivas de emprêgo (às vêzes até como um direito de prioridade para os alfabetizados), de salários melhores;
4. o ensino primário obrigatório, para crianças, estimulou a alfabetização dos pais para ficarem no nível cultural de seus filhos.

4) Como fatores desfavoráveis foram apresentados:

Alto índice de evasão escolar. No início da alfabetização, o entusiasmo é grande mas a desistência surge à medida que o esforço dispendido não corresponda de imediato a resultados rápidos. Isto se explica porque o adulto encontra-se fatigado pelo dia de trabalho e deseja aprender alguma coisa concreta, de importância para sua vida, que não seja uma palavra ou uma consoante.

As outras causas de evasão apresentadas:

- a) o meio social no qual o adulto analfabeto vive, não lhe dá oportunidade de ver na alfabetização uma forma de melhorar imediatamente seu nível de vida;
- b) a necessidade de garantir sua sobrevivência implica em problemas tão prementes que êle não tem tempo ou a energia suficiente para alfabetizar-se;
- c) o sentimento de que passou a idade para aprender a ler e escrever.

Os obstáculos são, essencialmente, de duas ordens: de um lado uma escala de valores segundo a qual a alfabetização apresenta-se com importância secundária; de outro lado, uma inércia natural que dificulta o esforço intelectual e que está ligada às condições de existência.

5) Quanto ao programa alfabetizador:

Deve ter alguns requisitos mínimos, a saber:

- a) horário: um momento favorável para as aulas, dentro dos

meios possíveis;

- b) levar em conta o tempo útil de aprendizagem: isto significa quanto tempo os alfabetizandos conseguem prestar a atenção, discutir, aprender, etc. Aproveitando ao máximo este período em cada aula;
- c) modo de vida particular da população local (formas de produção, hábitos sociais, comportamento geral da família, etc.). Por exemplo: em algumas regiões, os maridos não permitem que as suas mulheres frequentem aulas à noite. Assim, uma escola à noite não seria bem aceita nesta comunidade. Ao lado disso, é necessário pensar nos problemas de distância da escola, cansaço físico, período de chuvas, etapas de trabalho dos alfabetizandos, etc.

É preciso levar em conta também as dificuldades de ordem psicológica: alguns alfabetizandos pensam já terem aprendido o que desejavam saber após algum tempo e abandonam a escola sem a suficiente instrumentalização. Não utilizando a leitura e a escrita com bastante frequência tendem a "desaprender" muito mais rapidamente.

Outro problema comum é o desnível existente entre os alunos nas aulas: analfabetos e semi-analfabetos, criando uma inibição grande nos analfabetos diante de seus erros.

É preciso considerar que o analfabeto espera da leitura conhecimentos úteis e não forma de diversão. Ele desiste rapidamente se não encontra o que está esperando. Muitas vezes, a evasão da aprendizagem, na alfabetização de adultos, se explica porque os alunos julgam que:

- a) o professor é incapaz de ensinar-lhes algo;
- b) eles se sentem incapaz de aprender o que lhes é ensinado;
- c) o que lhes é ensinado não apresenta para eles nada de interessante ou de útil.

Além desses fatos, devem existir outras razões que o educador deve estar atento para compreender as motivações para a alfabetização.

NECESSIDADE DE ESTUDAR OS MOTIVOS

A base inicial para se elaborar um programa de alfabetização deve ser uma pesquisa local sôbre os meios de vida e produção da população, e as atitudes e interêsses dos alfabetizandos locais.

É bastante frequente os educadores pensarem que conhecem a realidade e problemas dos alfabetizandos, sem terem a preocupação de ver se esta visão corresponde à verdade.

É necessário, no entanto, que esta etapa - inicial e básica - de conhecimento das motivações seja bem feita para o método e programa estabelecido significar, de fato, uma orientação pedagógica eficiente.

APRENDIZAGEM PRÁTICA ATRAVÉS DA DRAMATIZAÇÃO

RESUMO DO ARTIGO DE:

Emilia Saporiti e

Maria Cecilia Manzolli

Partindo do princípio de que bem depressa aprendemos e nos habituamos com aquilo que vemos, ouvimos e fazemos, a Dramatização viria auxiliar a resolução de problemas existentes, representando experiências reais.

A Dramatização é um recurso audio-visual que auxilia a resolução de situações-problemas.

Atualmente, a exigência é cada vez maior para que se ensine mais, melhor e em menos tempo. Ouvimos queixas frequentes contra a escola e seu atraso quanto aos novos métodos pedagógicos e recursos usados para aprendizagem. A Dramatização é um destes recursos. Durante alguns anos foi combatida e considerada como uma perda de tempo na escola, da mesma forma que não se valorizava o cinema como instrumento educativo. Até hoje, muitos educadores não tomaram consciência de seu valor educativo. Entretanto, a Dramatização é importante porque nela o aluno é o centro da situação onde permanece ativo, realizando experiências em vários campos. É grande o número de situações em que se pode realizá-las, especialmente se pensarmos em termos de educação integral.

O termo "drama" significa "agir", "fazer". Necessariamente, "drama" não envolve situações trágicas ou fortes impactos emocionais. Podemos definir como Dramatização uma representação vivida de um acontecimento da realidade.

1) BASES PSICO-SOCIAIS DA DRAMATIZAÇÃO

A dramatização como um recurso audio-visual baseia-se em princípios da psicologia e também no conhecimento dos fatores sociológicos.

A dramatização é um trabalho socializado, pois dá oportunidade a todos os participantes do grupo de exercerem cada um o seu papel.

Essa participação terá grande significado para cada participante pois estará realizando alguma coisa e com isto projetando-se no grupo.

A pedagogia nos mostra que é insuficiente conhecer o indivíduo isoladamente, precisamos conhecê-lo numa comunidade.

2) VALOR DA DRAMATIZAÇÃO

Os seguintes aspectos servem para mostrar que a dramatização:

- a) envolve movimentação do aluno permitindo concretizar o seguinte princípio: "aprender fazendo";
- b) é um ótimo elemento para trabalho em grupo;
- c) é um bom método de educação social: entrosamento, socialização e comunicação do grupo (classe, associação, etc.);
- d) objetiva o ensino pois sua motivação é mais afetiva do que aquela despertada por uma simples narração dos fatos (é mais ativa e menos verbalizada);
- e) permite melhor fixação da aprendizagem;
- f) permite o desenvolvimento da linguagem e seu conteúdo, através da interpretação;
- g) é uma maneira de integrar as diferentes disciplinas do currículo, pois uma situação envolve aspectos os mais diversos possíveis;
- h) serve para discutir uma nova situação e avaliar os conceitos e atitudes dos participantes referentes a esta nova situação,

Assim, um dos aspectos mais importantes da Dramatização é sua capacidade de desenvolver no aluno condições para observar, analisar, selecionar e aplicar os resultados a que cheguem à conclusão.

Resumindo seu significado, verificamos que contem um processo mental importante. Faz com que os indivíduos não recebam noções ou conceitos prontos sem examiná-los ou discutí-los. Como também que não adotem a atitude habitual, de passividade, no processo de aprendizagem. Exige que se observe, compare, julgue, pesquise ou seja, e necessário que se aprenda a pensar.

Muitos educadores opoem-se à dramatização alegando que ela perturba a disciplina nas aulas. Esse é um conceito deturpado de disciplina, que é entendida como passividade dos alunos. Pelo contrário, verifica-se que é através de atividades que se processa a aprendizagem.

3) ORGANIZAÇÃO DA DRAMATIZAÇÃO

Não podemos negar a importância e o valor pedagógico da dramatização.

Deve-se procurar focalizar temas atuais ou motivantes para quem está envolvido, como também desenvolver ao máximo a compreensão do aluno para que ele perceba claramente e possa participar da situação.

O importante é conseguir a colaboração do grupo social. Toma-se um "assunto" para os participantes representarem e discutirem sobre ele. Normalmente, o grupo planeja como vai efetuar a dramatização: elementos que necessitam (pessoas, o que já conhecem sobre o tema, maneira de apresentar, forma de participação de cada um, etc.).

Os alunos assumem, através da representação, a função que o professor tinha com sua exposição verbal.

Quanto à formação da equipe, os participantes devem ter plena liberdade para organizá-la. A intervenção do coordenador ou professor pode quebrar a espontaneidade do grupo onde o participante deve ser o "ideador", autor e diretor dos trabalhos.

Isto é realmente difícil para os educadores habituados ao sistema tradicional de ensino. No entanto, enquanto os educadores estiverem investigando e estudando pelos alunos, não se pode esperar que os educandos aprendam coisa alguma desses educadores.

Com referência ao número de participantes:

Na dramatização, os grupos grandes dificultam o trabalho e o controle. Os grupos podem ser subdivididos para maior rendimento dos elementos. Os grupos de 4 a 6 pessoas parecem ter maior aceitação. Dependerá, no entanto, tanto do tema como do tipo de grupo existente. No caso de um grupo com dificuldades de comunicação e participação, quanto mais fôr subdivi

vidido em grupos menores, maior será a exigência de participação para cada pessoa, obrigando a falar, discutir, desinibir-se, etc.

Muitas vezes o grupo se divide espontaneamente em dois: no de atuação e no de observação. As experiências vividas pelos dois grupos são diferentes pois os que dramatizam têm uma experiência direta e uma base mais sólida; os observadores estarão depois participando apenas como expectadores da realidade simulada.

C O N C L U S ã O :

Outras atividades e experiências podem decorrer da dramatização. O que acentuamos como importante é que a aprendizagem se realiza "ativamente" e que a dramatização pode e deve ser usada como forma de motivação, de aprendizagens de novos conhecimentos (pois um grupo para "representar", determinar tal situação necessita informar-se, etc.) e que como forma de comunicação envolve pessoas, é difícil ficar-se imóvel, insensível ao tema dramatizado.

Novas formas de descoberta podem ser realizadas no campo da dramatização e educação - não dependendo inteiramente da iniciativa e criatividade de educandos e educadores.

NOTA DA EQUIPE TÉCNICA

Em experiências realizadas por vários sistemas, verificamos que a dramatização é uma técnica que tem tido muita aceitação nos treinamentos de base. O camponês consegue participar com bastante facilidade nas dramatizações e representar suas situações de vida. É importante ainda salientar que a dramatização oferece ao camponês a oportunidade de se apresentar tal como ele é. Encarnando um personagem, o indivíduo "carimba" a sua interpretação com aquilo que é caracteristicamente seu. Este fato é muito importante porque torna evidente para o grupo que está dramatizando, as atitudes verdadeiras dos indivíduos diante dos problemas da vida. Por exemplo: uma dramatização que aborde o problema do "regatão" poderá mostrar para o grupo as atitudes verdadeiras adotadas pelos diversos participantes da dramatização. Uma vez evidenciadas estas condutas,

é possível estabelecer posteriormente um debate rico em conscientização.

Por outro lado, a dramatização proporciona ainda aos indivíduos a oportunidade de se colocarem no ponto de vista dos outros. A dramatização sobre o problema que exemplificamos acima, levará o grupo a tomar consciência da forma de agir e pensar do regatão, adquirindo como consequência uma consciência crítica do problema.

Pensamos que seria interessante as demais equipes começarem a experimentar a dramatização de forma mais sistematizada, seja de forma direta; nas supervisões, reuniões, treinamentos, seja de forma indireta através do rádio.